

ACORDES E NOTAS POSSÍVEIS NA ESQUIZOFRENIA: UMA ANÁLISE SOBRE O FILME “O SOLISTA”

POSSIBLE CHORDS AND NOTES IN SCHIZOPHRENIA: AN ANALYSIS OF
THE FILM “THE SOLOIST”

POSIBLES ACORDES Y NOTAS EN ESQUIZOFRENIA: ANÁLISIS DE LA
PELÍCULA “EL SOLISTA”

Isabelle Câmara dos **Santos**¹

Luiza Loiola **Calumbi**²

Michele Gomes **Tarquino**³

Allan **Moreira**⁴

¹ Graduanda em Psicologia - Faculdade Pernambucana de Saúde – Departamento
de Psicologia

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861, Imbiribeira, Faculdade Pernambucana de
Saúde, CEP 51150-000, Recife - PE, Brasil.

e-mail: isbcmnds@gmail.com

*Autor para correspondência

² Graduanda em Psicologia - Faculdade Pernambucana de Saúde – Departamento
de Psicologia

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861, Imbiribeira, Faculdade Pernambucana de
Saúde, CEP 51150-000, Recife - PE, Brasil.

e-mail: luizaloiola17@gmail.com

³ Tutora de Psicologia - Faculdade Pernambucana de Saúde – Departamento de
Psicologia

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861, Imbiribeira, Faculdade Pernambucana de Saúde, CEP 51150-000, Recife - PE, Brasil.

e-mail: michele@fps.edu.br

⁴ Tutor de Psicologia - Faculdade Pernambucana de Saúde – Departamento de Psicologia

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861, Imbiribeira, Faculdade Pernambucana de Saúde, CEP 51150-000, Recife - PE, Brasil.

e-mail: allan.moreira@fps.edu.br

Categoria de Submissão: Estudo Teórico.

Fomento e agradecimentos:

Gostaríamos de agradecer primeiramente à Deus por nos conceder forças, energia e desejo por conhecimento para concluir esse trabalho.

À nossa família, mães, pais e irmãos que nos apoiaram durante todo o processo de desenvolvimento.

Aos nossos amigos e amigas, que nos encorajaram e nos apoiaram nesses meses de estudo.

E por último, mas não menos importante, à nossa orientadora Michele Tarquino e nosso coorientador Allan Moreira pelo suporte, ensino e incentivo durante todo processo à conclusão deste trabalho.

ACORDES E NOTAS POSSÍVEIS NA ESQUIZOFRENIA: UMA ANÁLISE SOBRE O FILME “O SOLISTA”

DOI:

RESUMO

O presente trabalho se propõe a pensar, a partir da análise do filme “O Solista” (2009), o uso da música como recurso de efeito terapêutico em indivíduos portadores de esquizofrenia. Essa temática é explorada no filme “O Solista”, retratando a relação do protagonista esquizofrênico com a música e a sua forma de enxergar o mundo através dela. Foram analisadas cenas do filme que compactuam com a temática ligada ao cuidado à saúde mental, através da relação estabelecida com a música. A partir de um olhar psicológico para essa obra cinematográfica, as autoras estruturaram uma análise sobre a influência e o poder que a música pode ter como ponte de sustentação para o sujeito psicótico, promovendo uma harmonização em seu funcionamento psíquico.

Palavras-chave: Música, Saúde mental, Esquizofrenia, Cinema.

POSSIBLE CHORDS AND NOTES IN SCHIZOPHRENIA: AN ANALYSIS OF THE FILM “THE SOLOIST”

ABSTRACT

The present work proposes to think, from the analysis of the film “The Soloist” (2009), the use of music as a resource of therapeutic effect in schizophrenia carriers individuals. This thematic is explored in the movie “The Soloist”, portraying the relationship of the schizophrenic protagonist with the music and your way of seeing the world through it. Scenes of the film were analyzed that agree with the thematic linked to mental health through the relationship established with the music. From a psychological perspective to this cinematographic work, the authors structured an analysis about the influence and the power that music can have as a support bridge for the psychotic subject, promoting a harmonization in their psychic functioning.

Keywords: Music, Mental health, Schizophrenia, Cinema.

POSIBLES ACORDES Y NOTAS EN ESQUIZOFRENIA: ANÁLISIS DE LA PELÍCULA “EL SOLISTA”

RESUMEN

El presente trabajo propone el pensar, a partir del análisis de la película “El Solista” (2009), el uso de la música como recurso de efecto terapéutico en personas con esquizofrenia. Este tema se explora en la película “El solista”, presume la relación del protagonista esquizofrénico con la música y su forma de ver el mundo a través de ella. Se analizaron escenas de la película que comparten de la temática vinculada al cuidado de la salud mental, a través de la relación que fijarse con la música. Desde una mirada psicológica a esta obra cinematográfica, los autores estructuraron un análisis de la influencia y el poder que puede tener la música como puente de apoyo para el sujeto psicótico, promoviendo una armonización en su funcionamiento psíquico.

Palabras clave: Música, Salud mental, Esquizofrenia, Cine.

1 INTRODUÇÃO

A relação com o mundo através da música

A música é um dos territórios de relação do homem com seu mundo, com seus pares e consigo. No contexto cultural o homem constrói os significados que atribui aos sons. Ela é uma das artes mais antigas, sendo ainda, mais antiga que a própria linguagem. Se dispõe apenas da espontaneidade do som que pode soar de qualquer lugar, de qualquer movimento. Porém, os sons, para o ser humano, são mais do que percepções acústicas, é através dos sons o homem cria diferentes sentidos e significados sobre sua relação com o mundo (Amui, 2006).

O homem não é capaz de descrever a música ou explicá-la, pois ela vai além da compreensão racional humana, mas é capaz de senti-la, vivê-la. É embriagante a vasta imensidão da música, a arte e técnica de juntar sons e criar harmonias de maneira agradável aos ouvidos. Tão precisa quanto subjetiva, ela tem acompanhado o homem desde o início de sua existência. Ao longo da história, a música vem sendo utilizada de inúmeras formas e para diversos fins, seja como forma de expressão, comunicação, interação, fonte de meditação, de lazer, de renda, seja como auxílio no processo de prevenção, restauração e reabilitação da saúde.

Na pré-história, o homem possuía apenas algumas poucas palavras que estavam ligadas aos objetos físicos de necessidade diária. Portanto, nessa época, a música serviria como forma de expressar sentimentos de alegria ou tristeza, sentimentos agressivos ou de crença nos poderes dos deuses. De acordo com Schneider (1957): “A música estava ligada aos rituais e à comunicação diária, e era utilizada também para cumprimentar, agradecer, brigar, elogiar. A palavra cantada ampliava o vigor da linguagem falada e enfatizava características afetivas do que se estava querendo transmitir.”

Segundo Blasco (1999), há indícios de que possuíam instrumentos de sopro, percussão e cordas no Egito antigo. Lá foi encontrado o primeiro documento escrito – um papiro datado de 2.500 a.C. – sobre a influência da música no corpo humano. Além disso, na Bíblia há algumas citações sobre o uso da música no livro de Samuel, onde se lê: “Que nosso senhor ordene, e teus servos aqui presentes procurarão um homem que saiba tocar harpa e, quando o mau espírito de Deus estiver sobre ti, ele tocará o instrumento para acalmar-te” (I Samuel 16:16,23).

Segundo Puchivailo e Holanda (2014) o homem cria, re-cria, compõe, desconstrói e improvisa música, podendo agir através da música, seja para protestar como “Cálice” de Chico Buarque durante a ditadura, ou para pedir compaixão como “We are the world” de Michael Jackson. A música já foi utilizada como arma de tortura por diversos países, como os Estados Unidos. Histórias podem ser contadas e descritas através da música, sendo sentida por seus ouvintes da forma que mais se encaixa naquele momento ou como o compositor quis transmitir aquela emoção. É possível conhecer o homem e sua relação com o mundo através da música.

Diante disso, essa arte acaba se tornando uma forma não somente de comunicação, como também de expressão. O som faz parte da vida, está no ambiente, no movimento; mas a música em si é uma criação humana, sendo uma ação do homem sobre o mundo: “Ela se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (Sampaio, 2005).

É fato que desde o período gestacional, os fenômenos sonoros acompanham toda a vida do sujeito. Sendo uma parte inseparável da vida, os sons já estão presentes desde a concepção do ser humano: pulsações, ritmo cardíaco, ritmos nos fluídos corpóreos em movimento, pulmões respirando sincronicamente, a voz da mãe e do ambiente reverberando no espaço intra e extracorpóreo. Assim, a música parece ter um importante papel ao longo da vida de cada indivíduo. Ao longo de sua vida, o homem faz várias associações das suas experiências musicais, acabando por remeter à ideia de que o uso da música como facilitador nos processos de cuidado depende da sua relação subjetiva com a música, com os sentidos que ela tem e sua ligação com sua cultura e seus itinerários de vida (Siqueira & Lago, 2012).

Além disso, a música pode ter várias representações para o indivíduo, inclusive lembranças. Através da música o indivíduo pode lembrar emoções carregadas de sentimentos e se reconectar com aspectos de sua própria história, podendo também desenvolver novas sensações ou impressões sobre aquela recordação. De acordo com Bruscia (2000): “Quando cantamos ou tocamos um instrumento somos chamados a conectar nossos ouvidos com nossas mentes, nossos olhos com nossas mãos, nossos pensamentos com nossos sentimentos [...] experienciamos o passado com o presente” (p.74).

Assim, parece claro que a música é transformadora e capaz de criar estados psíquicos e físicos diferentes no ser humano. Distingue-se de outros sons pelo aproveitamento de frequências vibratórias harmônicas, com diferente tonalidade, dinâmica e duração. De acordo com Areias (2016) o efeito da música consiste em estimular as células cerebrais, aumentando o nível de serotonina e dessa forma melhorar o humor ou a disposição. O efeito, tendo em comum o prazer, pode ser diferente, provocando excitação ou acalmia, conforme o tipo de música e o ambiente criado.

Saúde mental: o efeito terapêutico da música

Afinal, qual a relação que a música tem com o cuidado à saúde mental? Será essa uma relação atual? Ou será que podemos encontrar paralelos dessa relação ao longo da história da humanidade? Pode-se dizer que a relação da

música com a saúde mental, de uma forma ou de outra sempre existiu. Na década de 60, alguns objetivos comuns da música com ferramenta terapêutica eram: aliviar tensões, estabelecer ou restabelecer relações interpessoais e melhorar a auto-estima através de autoconhecimento. Além disso, era considerado por alguns como um recurso de comunicação para pacientes psicóticos, dada suas dificuldades de comunicação verbal (Gaston, 1982).

A primeira forma de comunicação humana surgiu através dos sons. O homem primitivo utilizava-se de sinais gestuais e sonoros. Caminhando um pouco na evolução da humanidade encontramos as tribos, onde o pajé ou feiticeiro cantava ininterruptamente até que o doente apresentasse melhoras. Até hoje encontramos estas “músicas de cura” nas pajelanças dos índios brasileiros. Nas práticas xamânicas o canto, a percussão e a dança são os estímulos utilizados para induzir ao êxtase (Cunha, 2003).

De acordo com Sousa (2011) foi com os gregos que se obteve as primeiras informações de investigações profundas do caráter terapêutico da música. Como era uma civilização fortemente voltada ao raciocínio lógico, procuravam empregá-lo na clínica. Tentavam encontrar uma razão lógica no ser humano e no mundo, e a enfermidade era observada, diagnosticado e então receitado o remédio lógico aplicável.

A música tem papel fundamental no resgate de memórias e emoções suprimidas e até uma capacidade de transcendência, promovendo uma integração e fortalecendo o self, também chamado de autoconceito e de noção de eu, é a percepção de si e da realidade pela própria pessoa. O que se deve considerar é que o canto por manifestar o que está guardado no inconsciente do indivíduo, cada um irá produzir e expressar de acordo com suas experiências e gostos sonoro-musicais adquiridos ao longo da vida. Sendo assim, a música utilizada como recurso terapêutico aliado com muito amor e dedicação ao próximo se mostra um recurso terapêutico de grande potencial na promoção da saúde mental (Ramalho & Ramalho, 2017).

Existe algo de especial ao ouvir a música que se gosta, gerando algo que desafia o mundo, transportando o indivíduo para qualquer outro lugar.

Como já dito anteriormente, este fenômeno está ligado com a capacidade do homem de criar associações. As experiências que dão prazer estão associadas, na grande maioria das vezes, a estímulos como: a beleza; a alegria e diversão, ordem/organização. Assim, um mero som que o homem associe a celebração, poder ou estado de paz, é suficiente para desencadear o estado de prazer/bem-estar (Gomes, 2015).

Com relação a isso, na visão analítica da teoria de Jung (2002) ele traz:

“É certo que a música, bem como o drama tem a ver com o inconsciente coletivo; [...] De certa forma, a música expressa o movimento dos sentimentos (ou valores emocionais) que acompanham os processos inconscientes. O que acontece no inconsciente coletivo é por sua natureza arquetípico e os arquétipos têm sempre uma qualidade numinosa que se manifesta na acentuação do emocional. A música expressa em sons o que as fantasias e visões exprimem em imagens visuais (p. 150).”

Na terapia com música, o sujeito é capaz de vivenciar um momento de bem-estar intensificado, expressão facial de satisfação, qualificação da expressão corporal e, conseqüentemente, diminuição dos sintomas de sofrimento. A música, então, propicia uma influência psicológica positiva a qual possibilita o paciente a expressar suas emoções, relacionando-as ao seu estado psíquico. Ademais, a estratégia soma os sentimentos de valorização e acolhimento aos pacientes, diferentemente observado no sistema institucionalizado e retrógrado da assistência em saúde mental (Nascimento; Bittencourt; Pretto; Dezordi; Benetti & Stumm 2018).

Entende-se que música é um instrumento terapêutico complementar, capaz de promover um ambiente mais tranquilo e acolhedor, além de propiciar relaxamento, entrega e escuta. A utilização da música motiva resultados positivos por não ser realizada isoladamente, mas inserida no planejamento junto a outras medidas terapêuticas, tornando perceptível a contribuição desse recurso. Essa ferramenta terapêutica vem sendo usada em diversos contextos de cuidado, pois possibilita uma reflexão interna no indivíduo, acessando áreas desconhecidas no inconsciente, investigando o ser humano de uma forma agradável e profunda.

Embora seja possível elencar uma gama de benefícios trazidos pela música, é importante perceber o contexto social e cultural ao qual o indivíduo está inserido, pois é preciso apontar que as atividades com música também podem trazer sentimentos negativos. Por isso deve-se levar em consideração a relação de cada sujeito com a música, sendo difícil propor uma regra geral. A música reporta a singularidade de cada pessoa, suas vivências pessoais, familiares e culturais, e, portanto, poderá interferir de forma positiva ou negativa de acordo com cada experiência vivida. Por favorecer o despertar da afetividade e contribuir para a forma como o sujeito percebe o mundo que o cerca, a música pode ser capaz de remover barreiras, minimizar resistências, melhorar a comunicação, a relação com o usuário e ainda facilitar o acesso ao tratamento.

No fim do século 18 os estudos a respeito da possível função terapêutica da música voltam-se a compreensão a respeito dos efeitos fisiológicos da música no corpo humano. Segundo Tyson (1981), o desenvolvimento da utilização da música em hospitais psiquiátricos durante os séculos 18 e 19 pode ser descrito a partir dos seguintes objetivos: atrair a atenção e expandir a capacidade de atenção, distrair e substituir certos pensamentos considerados não saudáveis, modificar humores, estimular o indivíduo intelectualmente, aliviar tensões internas, facilitar a expressão e estimular a ressocialização.

Nesse contexto, na visão de Alvin (1967), a música faz esvanecer as defesas, cria pontes entre a realidade e o mundo isolado em que muitas vezes os pacientes com enfermidades mentais se encontram em busca de refúgio. Afirma a importância da música, realizada ou escutada, estar no tempo subjetivo do paciente. No caso dos pacientes psicóticos, a música possibilita a organização dos universos presentes na psique do paciente, trazendo harmonia as suas emoções e pensamentos.

Zanini (2004) apresenta algumas possibilidades de atuação da música na área da Saúde Mental: nos transtornos esquizofrênicos quando se possibilita a expressão através dos instrumentos musicais, a concretude desses objetos pode favorecer o contato com a realidade. A autora relata que

“no fazer musicoterápico se busca estar na mesma paisagem sonora, em sintonia com a musicalidade do paciente, através do fazer musical conjunto”.

A harmonia na esquizofrenia

A esquizofrenia é definida por manuais médicos como um transtorno psicótico, caracterizada como sendo a principal forma de psicose e pela manifestação de sintomas (comportamentos) tais como: delírios, alucinações, discurso e comportamentos desorganizados ou catatônicos, embotamento afetivo, alogia e abulia. Ela é considerada uma intrigante psicopatologia, que até os dias atuais, ainda não foi muito bem explicada, sendo que sua nomenclatura pode ser entendida como “mente dividida” (Dalgalarondo, 2008).

Segundo Silveira, Vagas, Reis e Silva (2011) essa doença psiquiátrica é considerada uma das mais graves por causar um certo prejuízo em várias áreas da vida do indivíduo, afetando cerca de 1,5% da população adulta, prejudicando mais os homens do que as mulheres. É uma desordem que ocorre por no mínimo seis meses, onde durante um mês deve estar presente dois ou mais sintomas já citados acima.

O termo “esquizofrenia”, criado por Bleuler (1857-1939), surgiu para substituir o que era chamado de demência precoce, conceitualizando-o para indicar a presença de um cisma entre pensamento, emoção e comportamento nos pacientes afetados. De acordo com Silva (2006), a teoria sobre os cismas mentais:

“Bleuler descreveu sintomas fundamentais (ou primários) específicos da esquizofrenia que se tornaram conhecidos como os quatro "As": associação frouxa de idéias, ambivalência, autismo e alterações de afeto. Bleuler também descreveu os sintomas acessórios, (ou secundários), que incluíam alucinações e delírios.”

Mas antes de prosseguir com as definições a respeito da esquizofrenia de acordo com seu conceito estrutural e seus sintomas, é importante trazer o conceito de “psicose” e as importantes contribuições que tiveram bastante influência na construção desse conceito. Na psicanálise, sabe-se que Freud depositou sua confiança no trabalho de seus colaboradores Karl Abraham e Carl Jung, ambos psiquiatras dedicados à aplicação da psicanálise junto a essa

patologia. Assim, surgiram algumas importantes contribuições – do primeiro, quanto à psicose maníaco-depressiva (Abraham & Jones, 1970), e do segundo, quanto à esquizofrenia (Jung, 1986). Outro interlocutor, já citado acima, de Freud acerca da psicose foi Eugen Bleuler, no qual teve um papel de destaque na psiquiatria, mas não na psicanálise.

Enquanto a terminologia ganhava essa configuração, na qual a noção de “psicose” designava as doenças mentais graves demarcadas das doenças neurológicas e da neurose, Emil Kraepelin reordenava a nosografia psiquiátrica em termos das três grandes entidades clínicas “loucura maníaco-depressiva”, “paranoia” e “demência precoce” (logo renomeada, por Bleuler, “esquizofrenia”). Assim é que o termo “psicose” passou a nomear o conjunto dessas doenças. Por psicose (ou psicoses), entendia-se: psicose maníaco-depressiva, paranoia e esquizofrenia. Pode-se dizer que, ao longo do século XX, essas três doenças caracterizaram o campo da psiquiatria (Tenório, 2016).

Assim, em 1911, Bleuler propôs um novo nome para o termo “demência precoce” nomeado por Kraepelin, surgindo o termo “esquizofrenia” – dando ênfase nos aspectos psicológicos, principalmente a cisão da personalidade (do grego *skhízein*: “separar”, “dividir”). A partir dessa mudança, Bleuler (1993) afirma que buscava aprofundar o estudo da patologia pela aplicação, à demência precoce, das ideias de Freud. Propunha definir e nomear a doença, não por sua evolução, mas por sua dinâmica psicológica: “Infelizmente, não podemos nos furtar à desagradável tarefa de forjar um novo termo para esse grupo nosológico. [...] Chamo a demência precoce de ‘esquizofrenia’ porque a cisão das mais diversas funções psíquicas é uma de suas características mais importantes” (Bleuler, 1993).

Bleuler (1993) define como esquizofrenia um grupo de psicoses caracterizado “por uma alteração do pensamento, do sentimento e das relações com o mundo exterior de um tipo específico e que não encontramos em nenhum outro lugar”. Há uma cisão mais ou menos nítida das funções psíquicas, a personalidade “perde sua unidade”, os conceitos perdem sua integridade, muitas vezes reduzidos a representações parciais, a atividade associativa é fragmentada, interrompendo-se bruscamente, perdendo seu fio,

adquirindo qualquer coisa de bizarra. Nos casos mais graves, deixa de haver qualquer manifestação de afeto; nos menos graves, o afeto é inadequado.

Da mesma forma Freud postula, em *Neurose e Psicose* (1924), nas formas graves de psicose, "...o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito" (Freud, 1924). Assim, nos sintomas esquizofrênicos, a realidade torna-se outra, diferente daquela compartilhada, mas uma realidade singular ao sujeito, que influencia em todo o seu modo de funcionamento mental.

Ainda em *Neurose e Psicose* (1924), Freud se dedica a buscar as causas do conflito psicótico, que para ele está situado nas relações entre o ego e o mundo externo, onde o ego, a serviço dos impulsos desejosos do id, recusa as realidades interna e externa, passando a criar uma nova realidade, novos mundos interno e externo. E isto ocorre, segundo Freud (1924) complementa, porque, para o psicótico, houve uma frustração muito forte de seu desejo. Conforme Freud mesmo postula, na esquizofrenia, as manifestações sintomáticas de delírios e alucinações estão presentes como formações que visam proteger o sujeito da angústia.

Segundo Lacan (1955-1956), o desencadeamento da psicose está associado à constatação de que todo o saber que aquele sujeito até então possuía e utilizava para se sustentar dentro da ordem simbólica desaba após sofrer algum tipo de acometimento. Nessa mesma perspectiva, de acordo de Jardim (2011):

"A eclosão da psicose é um momento em que se abre para o sujeito um buraco no simbólico, um vazio no centro da cadeia significante, e que tem como consequência para o psicótico um estado por vezes duradouro de perplexidade. [...] quando o mundo do sujeito parece explodir em milhares de fragmentos, perdendo a coerência e desdobrando a identidade formal do sujeito e de seus semelhantes em diversas identidades autônomas entre si." (p. 276)

Na esquizofrenia, a música pode provocar uma maior adesão ao tratamento e melhorar os sintomas negativos. As técnicas receptivas do tratamento com música melhoram as alucinações. Gomes (2015) relata que a música melhora o estado global do doente, reduzindo os sintomas negativos e

melhorando as aptidões sociais. O movimento permite que o paciente se reconheça como um 'ser físico ativo', aliviando o humor depressivo e os seus efeitos negativos. O seu poder é tão grande que faz com que o indivíduo 'bata o pé' ao seu ritmo, muitas vezes inconscientemente. "A música nos mostra caminhos, mesmo em situações em que nos sentimos indiscutivelmente desmotivados." (Maratos; Crawford & Procter, 2011).

A música tem o poder de invadir a interioridade do ser e de desobstruir canais de comunicação, desde os níveis mais profundos, o que poderá ser de utilidade no tratamento do esquizofrênico, preso em seu mundo particular. Segundo de Moura Costa e de Sampaio Vianna (1984):

"O esquizofrênico, por meio da produção de sons organizados, começa a expressar algo da realidade interna que constitui seu modelo de mundo particular e por isto aparentemente caótico, relacionando-se e comunicando-se através da linguagem musical. Cabe ao terapeuta auxiliar o paciente a tornar explícitas estas emoções e sentimentos, trazendo para a linguagem verbal o que estava implícito tanto nas manifestações musicais quanto em seus comentários, o que dará ao paciente uma ampliação de seu leque de alternativas e uma possibilidade de modificação de seu modelo patológico." (p.178).

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar a relação do sujeito, em contexto de saúde mental, com a música, a partir de um olhar analítico para a obra cinematográfica "O Solista", de forma a compreender o efeito terapêutico que a música produz nos âmbitos biopsicosocioespiritual do ser humano. Será feita uma reflexão sobre o uso da música como recurso de efeito terapêutico, analisando a sua influência no funcionamento psíquico do sujeito portador de esquizofrenia.

2 METODOLOGIA

Com embasamento nos estudos apresentados anteriormente, o presente trabalho faz uma análise qualitativa/descritiva das cenas do filme "O Solista", na qual a visão de mundo do protagonista é fundamentada no seu fazer musical. O uso da música será analisado a partir de um olhar de cuidado à saúde mental, como um recurso de efeito terapêutico capaz de influenciar de forma positiva no quadro clínico do sujeito portador de transtorno mental. É levado em consideração o uso dessa arte como elemento essencial na

estruturação do tema em questão, devido a forte influência que exerce na dimensão psíquica do sujeito, sendo possível analisar essa relação em vários momentos no filme, onde a música se faz presente como “ponte de sustentação” para o sujeito em sua na condição adoecida. Portanto, serão analisadas as cenas em que é possível observar a relação do protagonista com a música e a influência da mesma. A partir disso serão articuladas as cenas selecionadas do filme com os conceitos teóricos baseados em estudos dentro da temática e da problemática em questão.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha desse filme se deu devido a forma com que a música é simbolizada na obra, é apresentada como algo essencial na vida do personagem principal desde sua infância, influenciando toda a sua trajetória e servindo de alicerce, mesmo em meio ao sofrimento causado pela doença psicótica. Assim, identifica-se a relevância de explorar essa temática com base no filme escolhido, a partir de um olhar analítico para a relação do protagonista com a música, sendo possível observar a influência da mesma no quadro clínico dele e o efeito terapêutico produzido através da música.

O filme “O Solista” retrata essa forte relação do indivíduo com a música, baseada em fatos reais, onde conta a história de Nathaniel Ayers (Jamie Foxx), um músico que abandonou seus estudos na prestigiosa escola de artes Juilliard, devido ao desenvolvimento da esquizofrenia passou a viver em situação de rua, pois sentia a necessidade de viver em liberdade, a partir de um dos seus surtos, no qual acreditava que sua irmã queria matá-lo colocando ácido clorídrico em sua sopa. Assim, saiu para as ruas por achar que sua casa não era mais um lugar seguro, passando a andar livre pela cidade de Los Angeles tocando as músicas de Beethoven em seu violino de apenas duas cordas. Transita pelas ruas da cidade de L.A com seus amplos espaços vazios, carros e sons urbanos, e os marginalizados de toda espécie com os quais passa a conviver, até que o jornalista Steve Lopez (Robert Downey Jr.), do Los Angeles Times, surge em sua vida, na insistência em resgatá-lo da sua situação de suposto abandono.

Além de essa arte ter grande importância para Nathaniel, foi através dela que surgiu a amizade com Steve. Esse encontro aconteceu quando o jornalista estava saindo do trabalho e foi atraído pelo som doce do violino que vinha de Nathaniel, tocando aos pés de uma estátua de Ludwig van Beethoven, dando início à essa amizade que também foi importante para a organização psíquica de Nathaniel. Mas apesar de existir essa importante relação, ela não será tratada neste trabalho.

Apesar do filme ser de 2009, seu tema é muito atual, pois o uso da música como ferramenta terapêutica vem crescendo desde a reforma psiquiátrica, trazendo grandes resultados devido a relação histórica, social, cultural e afetiva que existe entre o homem e essa arte, podendo ser usada como ponte de acesso à lugares no inconsciente que não são percebidos de outra maneira, nem de uma forma tão agradável.

“Quando se ouve uma música, pode-se perceber o despertar de uma pluralidade de emoções que reverberam e estimulam uma variada gama de sensações e percepções. É como se ela fosse uma linguagem emocional – cujo conteúdo é composto por melodia, timbre, ritmo, harmonia, tempo etc. – capaz de alcançar áreas da psique onde outros estímulos apresentam maior dificuldade para tal ou mesmo não conseguem produzir efeito similar.” (Ito, 2018).

Assim, entende-se a partir do filme, que a música tem um grande potencial para ser usada como ferramenta capaz de auxiliar no processo de sustentação na condição adoecida do sujeito psicótico, pois de uma forma agradável ela abre caminhos para que seja possível expressar o que não se consegue dizer e ouvir o que não se consegue escutar.

4 ANÁLISE DO FILME “O SOLISTA”

Durante toda a trajetória de vida do protagonista Nathaniel a música sempre esteve muito presente, desde o momento em que ele começa a se dedicar ao seu primeiro instrumento, o violoncelo. É notório, a partir das cenas do filme, que a sua relação com a música clássica é tão importante que passa a influenciar nas suas decisões, sendo capaz de definir o seu futuro. Porém, um fato muito importante aconteceu e, de forma desestruturante, mudou toda a sua trajetória: a esquizofrenia. A partir do seu primeiro surto, enquanto estava

em um ensaio da orquestra em que fazia parte na escola de artes Juilliard, Nathaniel passa a não compreender mais o que é real e o que não é, como é retratado nesta cena do filme, na qual começa a escutar vozes, deixando-o confuso e desorientado. Nessa cena pode ser analisado a desorganização que a esquizofrenia causa no sujeito, fragmentando-o e distorcendo sua percepção do real.

É importante destacar como a relação de Nathaniel com a música se transformou em uma relação de sustentação, visto que “na esquizofrenia não há sustentação do eu” (Generoso, 2008) e, como já dito antes, a música atravessa caminhos na psique do sujeito, sendo capaz de criar uma ponte de sustentação, na qual os sons, os acordes, as vibrações, as harmonias e melodias navegam pelo seu interior, amparando-o e reagrupando suas partes fragmentadas. No filme é retratado como essa relação se mantém firme, como se é construída uma conexão profunda e indissociável entre homem e música, criando-se um equilíbrio nessa relação que permite ao sujeito suportar sua condição adoecida.

A partir de uma perspectiva lacaniana, segundo Jardim (2011) “a identidade do sujeito precisa ser sustentada por uma referência que se encontra além da dimensão imaginária, o que implica a inscrição desse sujeito em um lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo das palavras”. Como já apontado anteriormente, a música pode ocupar esse lugar de referência que sustenta a identidade do sujeito, sendo capaz de simbolizar os conteúdos desorganizados em sua psique.

Há outro momento do filme em que é possível observar este ponto, no qual retrata o momento em que Nathaniel executa uma peça em seu frágil violino, em um túnel de Los Angeles, se entregando a harmonia que sai das suas duas cordas, sem permitir ser interrompido – nesse momento, o jornalista tenta comunicar-se com ele, mas acaba percebendo uma comunhão entre homem e música jamais vista. As notas soam como se estivessem sincronizadas ao ritmo do interior de seu corpo, enquanto os acordes traduzem em imagens abstratas as sensações produzidas pela sonata de Beethoven e as emoções dele. Ao analisar essa cena é possível perceber a admirável

sintonia que a música promove ao ser expressada, de forma a trazer equilíbrio e harmonia ao funcionamento do sujeito adoecido.

Segundo Brandalise (2001), o indivíduo pode não só se expressar na música, mas “ser” na música. Na utilização da música no contexto da saúde mental, há a possibilidade, no momento desse encontro, de se estar “vivendo na música”, com o indivíduo vivendo/sendo nas experiências sonoro-musicais. Através da experiência sonoro-musical, o indivíduo pode expressar suas experiências e sentimentos, permitindo que ele vivencie concretamente a música realizada ou ouvida por ele, na qual dá a estes sentimentos e experiências, forma.

Também é possível analisar, na obra cinematográfica, a relação singular do protagonista com os sons produzidos pelo movimento da cidade e a melodia produzida por ele através do instrumento. Essa relação é retratada na cena do filme em que Nathaniel ganha um violoncelo de Steve, doado por uma senhora que se comoveu ao ler sua história publicada no jornal Los Angeles Times. Ao sentir em suas mãos o instrumento, mesmo depois de muitos anos sem tocá-lo, seu corpo já sabia exatamente o que fazer, então ele se posiciona e começa a tocar os acordes que já conhecia, sem nada lhe parecer estranho, simplesmente encaixando seus dedos, formando as notas que passam a se entrelaçar com os sons da cidade, o barulho dos automóveis, dos passos das pessoas pela rua, dos pássaros voando, de modo que tudo ao seu redor se transforma em harmonia.

Ao analisar essa cena, observa-se a forma singular de sustentação que Nathaniel encontra, pois, para ele, a harmonia não só existe ao tocar um instrumento musical, mas também existe nos sons produzidos pela movimentação da cidade. Para Schafer (1997) “o mundo é uma enorme composição musical, que se desenrola perante nós ininterruptamente. Nós somos simultaneamente a sua audiência, os seus performers e os seus compositores”.

É interessante perceber, a partir dessa cena, que a relação de Nathaniel com a música não se limita ao instrumento musical, pois ele é capaz de

encontrar música em qualquer outro som. Com relação a isso, Didier-Weill (1997) elucida:

“De que magia a música retira este poder de nos transportar de um estado para um outro? Do ponto em que estávamos antes de pegar esse meio de transporte, eis-nos em outro ponto, após uma estranha viagem cujos meandros eu gostaria de tentar delinear. [...] Tomo como ponto de partida o que se passa na emoção musical: vocês devem ter notado, quando ocorre de a emoção musical nos invadir, que ela suscita dois movimentos, dois "estados de alma", dos quais poderíamos provisoriamente dizer que realizam a conjugação de um estado de felicidade e de nostalgia psíquica.” (p.57).

Outro ponto a ser analisado é retratado na cena em que Nathaniel está tocando seu violoncelo no abrigo da cidade, e ele está tão imerso em sua melodia que não percebe as pessoas em sua volta admirando-o. Isso pode ser relacionado com a importância do uso da música em Centros de Atenção Psicossocial. De acordo com Batista e Ferreira (2015), “músicas são atividades de encontro de vidas entre pessoas em sofrimento psíquico”, portanto essa arte também é considerada uma ferramenta de interação entre os usuários e entre os profissionais e os usuários, proporcionando acolhimento, bem-estar e trazendo humanização àquele espaço.

Entende-se que a música possui um certo “feitiço” quando atravessa os ouvidos humanos, sendo capaz de mergulhar profundamente em seu interior, acessando lugares de difícil acesso. A partir disso, é possível analisar uma cena do filme em que Steve consegue convencer Nathaniel a ir em um ensaio de uma orquestra, com o objetivo de apresentá-lo ao maestro. Ao sentarem para assistir, o maestro dá início à performance e é possível perceber o quanto aquela experiência tem significado para Nathaniel. A música entra pelos seus ouvidos e, ao fechar os olhos, surgem vários flashes de luz que acompanham o ritmo da música tocada pela orquestra, simbolizando a explosão de sentimentos que aquela melodia produz em seu ser. Esse fenômeno é observado por Ito (2018), no qual diz que:

“Empiricamente, é possível observar e sentir a facilidade que a música tem de mobilizar a psique, intensificando a sensibilidade. Quando se ouve uma música, pode-se perceber o despertar de uma pluralidade de emoções que reverberam e estimulam uma variada gama de sensações e percepções.” (p. 10)

A cena final da obra cinematográfica retrata Steve, sua ex esposa, Nathaniel e sua irmã assistindo à apresentação da orquestra, onde o jornalista faz uma reflexão sobre a trajetória da amizade com o músico e sua melhora nesse tempo. É possível perceber que, apesar da sua condição adoecida, ele encontrou sua base de sustentação: a música.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde-se verificar ao longo deste artigo, a história do uso terapêutico da música está intimamente entrelaçada com a história do cuidado do homem com sua Saúde Mental. O homem cria e utiliza a música em sua relação com o mundo, inclusive a emprega como meios de cura e cuidado com a saúde. A música na saúde mental é algo que vem ganhando cada vez mais destaque, por ser uma forma distinta de acessar conteúdos do inconsciente, partindo da relação dela com o sujeito. É algo profundo e significativo, já que desde o nascimento o ser humano se relaciona com os sons e melodias ao seu redor.

O estudo da música como recurso de efeito terapêutico traz benefícios significativos na vida de indivíduos que sofrem com transtorno mental, juntamente com outras formas de tratamento. Dessa forma, a música se transforma em uma ponte de sustentação para o sujeito, promovendo uma harmonização em seu funcionamento psíquico.

Esse contexto é trazido no filme “O Solista” de forma significativa, mostrando a importância e o impacto que a música promove no sujeito portador de esquizofrenia, e como essa arte contribui no cuidado com o indivíduo. A música traz um enriquecimento para Nathaniel, tendo papel fundamental na sua organização psíquica diante da doença psicótica, trazendo mais uma vez o poder da música na saúde mental.

Existem muitos casos como o de Nathaniel no cotidiano, onde a música oferece essa sustentação e suporte pro sujeito, podendo surgir involuntariamente ou induzido em algum tratamento. Mas também é uma área pouco explorada, visando um olhar terapêutico, que está crescendo e começando a ser cada vez mais estudada e abordada, abrindo novos

caminhos para diferentes tipos de tratamento e acolhimento, sendo além de tudo algo confortável e familiar para aquele indivíduo.

6 REFERÊNCIAS

- Abraham, K., & Jones, E. (1970). *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago.
- Alvin, J. (1967). *Musicoterapia*. Editorial Paidós. Buenos Aires.
- Amui, J. M. (2006). *Imagem musical: reflexões sobre a musicalidade da alma*. In Anais do IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana (pp. 30-35).
- Areias, J. C. (2016). *A música, a saúde e o bem estar*. *Nascer e crescer*, 25(1), 7-10. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0872-07542016000100001
- Blasco, S. P. (1999). *Compendio de Musicoterapia*. Barcelona: Herder.
- Bleuler, E. (1993). *Dementia praecox ou groupe des schizophrénies*, trad. A. Viallard, Paris, *EPEL & GREC*, 116.
- Brandalise, A. (2001). *Musicoterapia músico-centrada*. São Paulo: Apontamentos.
- Batista, E. C., & Ferreira, D. F. (2015). A música como instrumento de reinserção social na saúde mental: um relato de experiência. *Revista Psicologia em Foco*, 7(9), 67-79. Recuperado de <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1593>
- Bruscia, K. E. (2000). *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros.
- de Moura Costa, C. S., & de Sampaio Vianna, M. N. (1984). Musicoterapia— Uma Pesquisa sobre sua Utilização para Pacientes Esquizofrênicos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*.
- Cunha R. (2003). *Jovens no espaço interativo da musicoterapia: o que objetivam por meio da linguagem musical*. [dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/61750>
- Dagalarrondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* (pp. 102-108). Porto Alegre: Artmed.
- Didier-Weill, A. (1997). *Nota azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda.
- Freud, S. (1924 [1923]) *Neurose e Psicose*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Gaston, E. T. (1982). *Tratado de musicoterapia*. Paidós.
- Generoso, C. M. (2008). O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(2), 267-281. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982008000200007&script=sci_arttext&lng=pt
- Gomes, A. F. A. (2015). *Música: correlatos bio-psico-sociais* (Doctoral dissertation). Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24987>

- Ito, J. C. N. (2018). *Música: uma possível ampliação de recursos no setting analítico*. *Junguiana*, 36(1), 9-18. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100004
- Jardim, L. L. (2011). A fragmentação do eu na esquizofrenia e o fenômeno do transitivismo: um caso clínico. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(1), 267-284. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4983>
- Jung, C., & de CG Jung, C. (2002). volume II, 1946-1955. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Jung, C. G. (1986). Obras completas de CG Jung: *Psicogênese das doenças mentais*. Vozes.
- Lacan, J. (1985). *As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1955-1956).
- Maratos, A., Crawford, M. J., & Procter, S. (2011). Music therapy for depression: it seems to work, but how? *The British Journal of Psychiatry*, 199(2), 92-93.
- Moraes, J. D. (1983). *O que é música*. São Paulo: Brasiliense, 71.
- Nascimento, E. D. M., Bittencourt, V. L. L., Pretto, C. R., Dezordi, C. C. M., Benetti, S. A. W., & Stumm, E. M. F. (2018). Oficinas Terapêuticas com Música, em Saúde Mental. *Revista Contexto & Saúde*, 18(34), 15-19. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2018.34.15-19>
- Puchivailo, M. C., & Holanda, A. F. (2014). A história da musicoterapia na psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. *Rev Bras Musicoterapia*, 16(16), 122-42.
- Ramalho, A. D. M., & Ramalho, J. P. G. (2017). A musicoterapia como recurso terapêutico para tratamento do paciente psiquiátrico. *Enfermagem Brasil*, 16(4), 246-252. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <http://www.portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/1263/2397>
- Sampaio, R. (2005). Por uma nova noção de Música em Musicoterapia. *Apontamentos em Musicoterapia*, 1, 21-24.
- Schneider, M. (1957). Sobre la esencia de la música. In: *Orígenes de la Música – La Literatura. La Música*. Barcelona: Editorial Labor.
- SCHAFER, M. (1977) *Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*, Rochester: Destiny Books.
- Silva, R. C. B. D. (2006). Esquizofrenia: uma revisão. *Psicologia Usp*, 17(4), 263-285. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000400014>
- Silveira, M. S., Vargas, M. M., Reis, F. P., & Silva, P. D. (2011). Caracterização dos usuários com esquizofrenia e outros transtornos psicóticos dos Centros de Atenção Psicossocial. *Cadernos Saúde Coletiva*, 19(1).
- Siqueira, J. L. D., & Lago, A. M. C. V. (2012). Coletivo da música: um estudo sobre relações entre arte e saúde mental. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 93-111. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-593696>
- Sousa, I. D. S. D. (2001). *A primeira reforma psiquiátrica: uma história do tratamento moral*.

- Tenório, F. (2016). Psicose e esquizofrenia: efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 23(4), 941-963. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://doi.org/10.1590/s0104-59702016005000018>
- Tyson, F. (1981). *Psychiatric music therapy: Origins and development*. New York: Creative Arts Rehabilitation Center.
- Zanini, C. D. O. (2004). *Musicoterapia e saúde mental: um longo percurso*. Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. São Paulo: Vetor. Recuperado em 23 de outubro de 2020 de <https://www.researchgate.net/publication/228601788>